

LITERATURA: MEMÓRIA, SONHO E ANSEIO HUMANO

OU

POR QUE ENSINAR LITERATURA?

Adriana Ortega Clímaco
CEFET-RJ

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o ensino de literatura. Nesse trabalho reflexivo, considera-se a literatura a partir das proposições teóricas de Antonio Cândido, Ailton Krenak e Josefina Ludmer, ou seja, como direito humano, memória e especulação, respectivamente. Além disso, preconiza-se o valor estético da arte literária entendida não como mera ferramenta ou pretexto para o ensino de questões gramaticais, mas sim para buscar entender questões relativas ao uso da linguagem na expressão humana com o fim de representar a realidade e seu efeito comunicativo. É o caráter artístico, estético, da expressão humana e sua relação com a sociedade que professores e alunos podem apreender no trabalho com textos literários orais, escritos ou imagéticos, na medida em que os produtos literários trazem marcas históricas e sociais de tempo, espaço e sujeito. Com isso, entende-se que o ensino de literatura, e de literatura hispânica, mais especificamente, pode contribuir para a formação integral do sujeito, visto que lhe permite comparar a sociedade em que vive com outras, ampliando a compreensão do mundo em que vive, com suas peculiaridades, possibilitando-lhe também meios de expressar seus anseios e sonhos por meio da arte literária.

Palavras-chave: Literatura, Memória, Ensino de Literatura

La voz

No es la guitarra lo que alegra
o ahuyenta el miedo en la medianoche.
No es su bordón redondo y manso
como el ojo de un buey.
No es la mano que roza o se aferra a las cuerdas
buscando los sonidos,
sino la voz humana cuando canta
y propaga los ensueños del hombre.

Heberto Padilla



Quando a pandemia de Covid-19 instalou-se, em março deste ano, fomos, em várias partes do mundo, obrigados ao isolamento social como tentativa de contenção do alastramento desse vírus terrível que, no momento em que nos encontramos agora, ainda segue seu curso de destruição, tendo já vitimado milhares de pessoas no mundo inteiro e, lamentavelmente, o resultado no Brasil é desalentador. As circunstâncias da pandemia, enfermidade, mortes, isolamento, perda de emprego, fome, miséria e caos da saúde pública, além de evidenciar o quanto nossa sociedade é desigual, levou-nos a buscar algum tipo de distração ou consolo das notícias aterrorizantes. Alguns memes chegaram a circular, indicando que as pessoas perceberam que não têm necessidade de determinados bens de consumo, mas não podem abrir mão de filmes, música e livros, de Arte, em geral, pois é essa que fornece algum conforto nesta hora tão difícil.

Pensando especificamente na Literatura, na Arte da Palavra, gostaria de refletir sobre o que possuem os escritos literários que os tornam capazes de serem excelentes companheiros neste momento de medo, aflição e agonia. E, pensando no poema “La Voz”, de Heberto Padilla (1981), escritor cubano, encontro uma pista: não é o livro, por si só, mas a voz. Não apenas o que foi dito por um ser humano que produziu um enunciado, mas o veículo dessa enunciação. Isso significa que o texto literário importa na medida em que guarda a voz de um ser humano que se põe em comunicação com outros, comunicando-lhes sonhos.

Essa propriedade de comunicação de sonhos parece ser uma capacidade extremamente necessária para a constituição da sociedade. Estamos numa sociedade que preza pela acumulação de riquezas e o consumo voraz de mercadorias, animais e pessoas; que, nesse afã de consumir cada vez mais, produz cada vez mais, inutilizando o meio ambiente, que parece agora querer expurgar-nos da Terra. O planeta parece não nos querer mais. É interessante observar, com Ailton Krenak (2020), que o coronavírus só afeta aos seres humanos, nenhum outro ser está em risco mortal. Isso não é acaso, pelo contrário, e é muito significativo.

Na lógica consumista, aprender uma língua estrangeira tem um propósito: o mercado de trabalho. Dessa forma, quando em voga o Mercosul, o governo brasileiro chegou a estabelecer a obrigatoriedade do ensino de língua espanhola nas escolas da educação básica. Mais adiante, quando pareceu mais conveniente



negociar com outros mercados, ainda que em posição de subalternidade, o projeto do Mercosul deixa de ter tanta importância para governos com posturas pouco protecionistas e, então, a língua espanhola deixa de ser obrigatória, e volta-se ao estudo da língua inglesa, retirando-se das comunidades escolares, inclusive, o poder de decidir que língua estrangeira moderna estudar.

Quando falamos do ensino de literaturas hispânicas na educação básica, em cursos livres, ou em disciplinas de graduação fora dos cursos de Letras, estamos falando do uso de um espaço específico: o momento das aulas de língua espanhola. Nesse contexto, seria quase uma subversão tratar de outras questões que não o aprendizado, pura e simplesmente, de questões comunicativas. Parece-me, então, que, para que aconteça o ensino de literaturas hispânicas, faz-se necessária a convicção da formação do sujeito para além de um “beabá” específico. Além disso, é preciso que o professor seja um leitor literário, para que possa fruir da arte literária e explorá-la esteticamente, na aula de língua espanhola, com todas as dificuldades que sabemos (tempo reduzido, desinteresse dos alunos, etc.).

Por que insistimos nisso? Porque a literatura é um direito humano, como afirmou Antonio Candido (2011), assim como é direito alimentação, moradia, saúde e educação. O que guarda a literatura para que seja alçada a essa posição? Nela reside quem somos. A sociedade está nela impressa: não apenas o que é, mas, ainda melhor, o que pode vir a ser. O seu potencial criativo, o sonho, o ideal, o desejo de transformação.

“É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo.”, disse Ailton Krenak, em *O amanhã não está à venda* (2020). Ora, contar histórias é literatura! Através da literatura, os seres humanos compartilham suas memórias, aquilo que os conecta aos demais, bem como os sonhos, os anseios e anelos de futuro. Que sociedade queremos? Que mundo anelamos construir? A leitura prazerosa do texto literário permite ao indivíduo adentrar outros espaços, comunicar-se em dimensão que ultrapassa a realidade em que se vive.

Por isso ensinar literatura! Por isso levar à aula de Espanhol textos de variadas culturas que fazem uso da língua espanhola. A partir desses textos, é possível conhecer um pouco de outros seres humanos e de si. O ser humano é enriquecido pela percepção da existência de outros seres humanos, em outras



épocas, sociedades e culturas, pela notícia da experiência de outros seus iguais em suas diversidades. Abrem-se portas ao desejo, à imaginação.

Preconiza-se o valor estético da arte literária compreendida não como mera ferramenta ou pretexto para o ensino de questões gramaticais, mas sim para buscar entender questões relativas ao uso da linguagem na expressão humana com o fim de representar a realidade e seu efeito comunicativo. É o caráter artístico, estético, da expressão humana e sua relação com a sociedade que professores e alunos podem apreender no trabalho com textos literários orais, escritos ou imagéticos, na medida em que os produtos literários trazem marcas históricas e sociais de tempo, espaço e sujeito. Com isso, entende-se que o ensino de literatura, e de literatura hispânica, mais especificamente, pode contribuir para a formação integral do sujeito, visto que lhe permite comparar a sociedade em que vive com outras, ampliando sua compreensão acerca do mundo, com suas peculiaridades, possibilitando-lhe também meios de expressar seus anseios e sonhos através da arte literária.

Segundo Josefina Ludmer (2013), a literatura produzida na América Latina nas últimas décadas apresenta a especulação que é, ao mesmo tempo, um gênero literário e um método de crítica literária. Especular consiste na capacidade da ficção, da narrativa literária, do romance, de traçar outra realidade: aquilo que a história perde. A autora aponta também o local estratégico da América Latina para especular e, portanto, produzir literatura: “somos aqueles que chegaram tarde ao banquete da civilização (Alfonso Reyes, “Notas sobre a inteligência americana”) e esse lugar secundário implica necessariamente uma posição estratégica crítica” (2013, p. 8).

Ao refletir sobre a especulação, Ludmer afirma que a literatura, em seu próprio regime de realidade, a “realidadeficção”, capacita a pensar o mundo, sendo esse o fim último da especulação, do ato de especular o mundo, ou seja, de torná-lo imagem (2013, p. 14).

Ora, se somos parte da América Latina, temos vizinhos que falam a língua espanhola e nela produzem uma rica literatura, por que não nos colocarmos em contato (nossas culturas e literaturas, em espanhol e em português) e ampliarmos nossa capacidade de problematizar o mundo a partir de nossas idiossincrasias? Por que iríamos simplesmente ignorar toda essa produção e sua articulação? Ter



contato com tais culturas e expressões literárias é ampliar nosso conhecimento de nós mesmos e de nossa presença no mundo.

Com a ficção, a literatura exerce um poder crítico subversivo, emancipatório, libertador. Penso que a leitura literária, sua fruição e seu ensino, possibilitam ao indivíduo a familiarização com os mecanismos da especulação, da fabulação do real, com a compreensão dos elementos que apagam os limites entre a não ficção e a ficção, e isso pode ajudar o indivíduo, em sua vivência social, a identificar os meandros da construção dos discursos autoritários, manipuladores e fascistas que proliferam no tempo presente.

Percebo que terminamos falando sobre o tempo: o que nos resta e o que nos falta. O que vivemos, aproveitando-o ou perdendo-o. O tempo que desperdiçamos, e o que ainda nos virá e que, agora, suspenso pela pandemia, poderá não nos vir. Esse tempo que urge parece conclamar a que sejamos cada vez mais leitores, fruidores, apreciadores da literatura, sujeitos desse direito humano, para que possamos levá-la à aula e compartilhar de sua riqueza com os alunos!

Referências

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: _____. Vários escritos. Rio de Janeiro: Editorial Ouro Sobre Azul, 2011.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LUDMER, Josefina. Aqui América latina: uma especulação. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

PADILLA, Heberto. "La voz". In: _____. El hombre junto al mar. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981.

